

Prêmio da Música Brasileira vai celebrar Tim Maia

PÁGINA 3



Marché du Film destaca o melhor dos festivais

PÁGINAS 4 E 5



Monólogo aborda a dificuldade em se dizer 'não'

PÁGINA 7



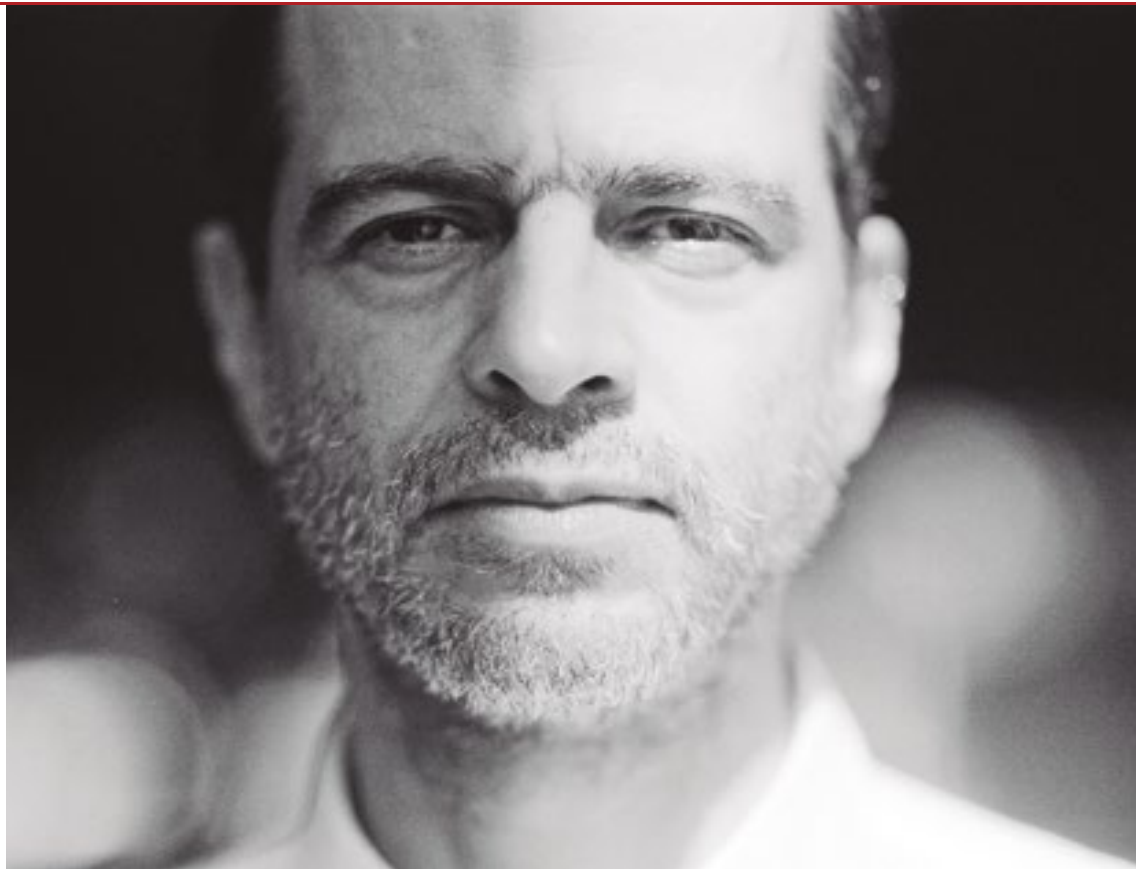
2º CADERNO

Depois de um hiato de dez anos desde o último disco de estúdio lançado, “Coisa Boa” (2014), Moreno Veloso apresenta “Mundo Paralelo”, álbum produzido por ele com dez canções, entre elas a faixa-título lançada, no final de 2023, como um single, e o samba de roda “A Donzela se Casou”, que traz a participação da família Veloso. A única música não autoral do disco é a regravação de “Deixe Estar”, composta por Marina Lima e Antonio Cicero e originalmente lançada pela compositora, em 1998, no álbum “Pierrot do Brasil”.

O título do disco nos remete a uma outra realidade. Um mundo que nas palavras da música homônima também é transcendental, que vai além do ordinário, uma realidade mais bonita, mais alegre, uma realidade forte e rica que ultrapassa, em todos os sentidos, o que podemos encontrar no dia a dia comum. Um rápido vislumbre desse outro mundo se dá justamente no carnaval e mais precisamente na ladeira do Curuzu no bairro da Liberdade em Salvador, na Bahia, numa noite de sábado.

O disco com suas dez faixas foi todo delicadamente construído em torno dessa visão transcendente do que pode ser melhor mesmo nas passagens mais conturbadas e desafiadoras da vida como foi a pandemia de covid-19, em meio à qual o disco foi inicialmente concebido.

O trabalho é uma projeção de imagens evidentemente positivas que apontam para um mundo mais feliz mesmo quando o entorno



Caroline Bittencourt/Divulgação

Moreno Veloso iniciou o processo de elaboração de ‘Mundo Paralelo’ em Lisboa durante a pandemia. O álbum viria a ser concluído já em terras cariocas

A ARTESANIA SONORA DE MORENO VELOSO



Divulgação

Cantor, compositor e produtor rompe hiato de 10 anos com ‘Mundo Paralelo’ em que, numa das faixas, canta com o pai Caetano, a tia Bethânia e seus irmãos Tom e Zeca

imediatamente esteja em total desacordo com a felicidade. É mesmo um mundo paralelo.

Todo gravado em estúdios caseiros entre Lisboa e Rio de Janeiro e contando com a participação de amigos e parentes, o disco, que ficou dois anos em construção, vem agora mostrar composições novas e velhas como as parcerias com Quito Ribeiro: “Presente de Natal” e “Vista da Janela” esta última que começou a ser feita no ano de 2002 só não é mais antiga do que a música “Deixe Estar” de Marina Lima e Antonio Cicero.

A feitura desse disco se deve, como sempre, à ajuda dos amigos e parceiros sendo o núcleo principal o estúdio Cave que ficava no porão da casa do Domenico Lancelotti em Lisboa e que serviu como ponto de encontro para iniciar os trabalhos de gravação com Ricardo Dias Gomes, Rodrigo Bartolo e Pedro Sá e de onde vieram seis das dez bases gravadas para o disco. Chegando de volta ao Rio, as gravações continuaram com a presença de Alexandre Kassin, Alberto Continentino, Luís Filipe de Lima, Bruno Di Lullo, Thiago Queiroz, Stephane Sanjuan, Paulo Mutti, Tom Veloso, Felipe Fernandes, Thiago da Serrinha, Kainã do Jêje, Marcelo Costa e Jaques Morelenbaum.

As participações vocais são também especiais com Tiganá Santana em “Mundo Paralelo” que também é de sua autoria, a voz da Nina Becker em “Um Dois e Já” e a mescla instigante das vozes da família Veloso com Maria Bethânia, Caetano, Zeca e Tom participando do samba de roda “A Donzela se Casou”.

Continua na página seguinte

FAIXA A FAIXA, POR MORENO

Caroline Bittencourt/Divulgação



Mundo Paralelo (Carlos Rennó, Tiganá Santana e Moreno Veloso): Música composta a partir da bela letra de Carlos Rennó e de sua proposta para que fizéssemos, eu e Tiganá, a musicalização de suas palavras. É mais uma ode ao Ilê Aiyê que faz parte da minha história desde criança quando compus com meu pai “Um Canto de Afoxé Para o Bloco do Ilê”, mas desta vez em parceria com um dos filhos diretos do Mais Belo dos Belos, Tiganá Santana. Na gravação, a percussão do Marcelo Costa transformou a faixa numa espécie de samba afro.

Um Dois e Já (Quito Ribeiro e Moreno Veloso): Música de inspiração japonesa e influências do Mali com imagens e sons hipnotizantes que ganhou a presença de Nina Becker nos vocais e a percussão de Stephane Sanjuan para complementar a base gravada em Portugal.

Presente de Natal (Quito Ribeiro e Moreno Veloso): Samba composto no dia do Natal de 2017 e que foi finalizado um ano depois com uma letra de meu compadre Quito Ribeiro. Considero ela como um verdadeiro presente de Natal e a música ganhou esse título por essa razão.

Bailando (Piero Piccioni – versão em espanhol de Bruno Di Lullo e Moreno Veloso): Eu e Bruno Di Lullo estávamos em turnê pela Europa quando num dia cinzento em algum aeroporto, acho que na Alemanha, fomos tomados por uma saudade imensa dos nossos filhos. Era Dia dos Pais. Ele, como eu, tem um casal de filhos: uma filha mais velha e um menino mais novo. Bruno me mostrou uma música orquestral com uma melodia muito linda do compositor italiano Piero Piccioni que fez tantas trilhas sonoras para cinema e me convidou para escrever uma letra sobre ela. O tema original se chama “Mexican Dream” e faz

parte de um filme intitulado “Colpo Rovente”. A gravação traz o próprio Bruno tocando um sintetizador Juno 106 sobre a base gravada em Portugal.

Unga Dorme Nesse Frio (Moreno Veloso): Composta para o meu filho José numa noite de inverno, essa canção de ninar já foi lançada no álbum solo de voz e violão “Every Single Night” que gravei em casa durante o confinamento de 2020 e que saiu em CD pelo selo de Chicago Corbett vs. Dempsey no ano seguinte. O título traz a palavra unga que vem da raiz nórdica ung que significa “jovem” e é uma das formas que uso para chamar meu filho.

A Donzela Se Casou (Moreno Veloso): Esse samba de roda nasceu espontaneamente durante uma passagem de som do show “Ofertório” enquanto eu e meu irmão Tom tocávamos distraídos “How Beautiful Could A Being Be” e me veio à

cabeça uma história que ouvi no Recôncavo Baiano sobre como dançar o samba miudinho arrastando e batendo os pés ritmicamente servia para alisar o chão de terra de uma casa nova que estivesse sendo construída, de forma que se organizava um samba especificamente para isso, onde a festa ajudava na construção. Convidei minha família para participar da gravação me ajudando metaforicamente a construir essa nova casa, consolidando a base desse “Mundo Paralelo”. Podemos então ouvir as vozes de minha tia Bethânia, de meu pai Caetano e de meus irmãos Zeca e Tom se alternando sobre esse ritmo característico do samba de roda.

Vista da Janela (Quito Ribeiro e Moreno Veloso): Das muitas composições que fiz com meu compadre Quito Ribeiro essa em especial ficou durante mais de duas décadas adormecida esperando o momento certo

de vir à luz. Durante esse tempo ela amadureceu e ganhou novos versos chegando ao disco de forma leve e bonita. Na gravação contei mais uma vez com os amigos Thiago Queiroz nos sopros e Alberto Continentino no baixo acústico complementando a base vinda de Lisboa.

É de Hoje (Moreno Veloso e Luís Filipe de Lima): Recebi a melodia desse samba das mãos do grande músico carioca Luís Filipe de Lima e me diverti muito escrevendo esses versos que falam da Bahia e do recôncavo de forma descontraída e alegre. Para mim essa música representa uma ponte entre o samba do Rio e o de Santo Amaro e de certa forma isso foi traduzido na sonoridade da gravação com o próprio Luís Filipe tocando seu violão de sete cordas junto com o cavaquinho e o repique do Thiago da Serrinha sobre meu prato-e-faca e a turma da base

portuguesa, além da presença do agogô do grande amigo Stephane Sanjuan.

Ninguém Viu (Quito Ribeiro e Moreno Veloso): Composta para a abertura de um filme argentino chamado “Una a Novia de Shanghai” esta canção já foi gravada também no disco ao vivo do show “Ofertório” sendo agora a segunda regravação. Como na versão original que foi para o cinema, ela foi toda construída em dupla com Felipe Fernandes que ficou a cargo das guitarras, do lapsteel e do baixo elétrico e traz sonoridades especiais com a mistura do pequeno instrumento chinês erhu com o violoncelo, o ukulele e as percussões.

Deixe Estar (Antonio Cícero e Marina Lima): Esta é a última faixa do disco e a única não autoral. É uma regravação dessa música que Marina Lima lançou em seu lindo álbum “Pierrot do Brasil” de 1998 e que faz parte do meu imaginário poético desde então. Ela reflete precisamente uma faceta importante desse mundo paralelo: “Deixe estar, vai passar” que é justamente o momento do desencontro cheio de esperança onde ainda é possível sentir a proximidade do que está fora de alcance e com isso também a possibilidade de uma reviravolta na história, porque às vezes a parte mais traiçoeira do amor é que ele pode mesmo florescer de forma inesperada. A gravação foi feita no estúdio do Kassin comigo na voz e no violão, Alberto Continentino no baixo acústico e o próprio Kassin no sintetizador com todos tocando ao mesmo tempo como se estivéssemos em um palco. A interpretação foi registrada assim, ao vivo, sem muito espaço para correções e na terceira ou quarta vez que tocamos a música chegamos ao resultado que está no disco com apenas mais alguns sons dos sintetizadores que o Kassin acrescentou depois.

Prêmio da Música Brasileira anuncia seus indicados

Antônio Milena/Divulgação

Cerimônia de premiação será no dia 12 de junho no Theatro Municipal. Tim Maia será o grande homenageado desta 31ª edição

O Prêmio da Música Brasileira anunciou nesta segunda-feira (13) os indicados para sua 31ª edição. No dia 12 de junho, o Theatro Municipal será palco de uma celebração especial dedicada a Tim Maia, figura monumental da música nacional. Sob a direção de José Maurício e Giovanna Machline, a noite será marcada por apresentações que exploram o vasto repertório do artista, trazendo tanto vozes consagradas quanto novos nomes da música brasileira. A cerimônia será transmitida ao vivo pelo Canal Brasil e pelo canal do PMB no YouTube.

O Prêmio da Música Brasileira será apresentado por Regina Casé, que será encarregada de capitanear novidades para a cerimônia, com um formato inspirado em programas de auditório, complementado pela dança e cenografia assinada por Gringo Cardia. A premiação contará ainda com arranjos musicais de Pretinho da Serrinha.

Os primeiros artistas anunciados para a 31ª edição do PMB são Simone e Ney Matogrosso, que se apresentarão um dueto, interpretando novas versões de dois clássicos de Tim: “Azul da Cor do Mar” e “Primavera”, com arranjos inéditos preparados exclusivamente para a ocasião. O line-up completo dos artistas que participarão do show interpretando clássicos de Tim Maia será revelado dia 20 de maio.

“Fazer um roteiro a respeito desse nosso homenageado, o Tim Maia, talvez seja das coisas mais difíceis que eu já fiz ao longo desses 31 anos do Prêmio. São tantos sucessos, tantas vertentes, tantas músicas



Tim Maia

indispensáveis que esse gênio da composição e do jeito de cantar brasileiro tem, que é um martírio de o que você tira, porque alguma coisa tem que ser tirada. Mas é tão bom a gente ver que existem compositores que têm esse atributo de ter um apelo popular, e uma musicalidade, e um jeito de cantar, uma forma de emitir a sua canção, tão forte, tão significativa como Tim Maia. Quero dizer que como o Prêmio da Música Brasileira é uma honra a gente poder homenagear esse brasileiro, carioca, do subúrbio, preto no nosso palco”, afirma Machline.

Neste ano, a 31ª edição do Prêmio da Música Brasileira é singular não só pela quantidade de artistas indicados - 88 ao todo, em 32 categorias - mas sobretudo pela diversidade de origens, gêneros musicais e gerações representadas. Ilustrando, portanto, uma vitrine da rica tapeçaria musical do país, refletida tanto pelas indicações de talentos consagrados, responsáveis pela excelência mundialmente reconhecida da música brasileira, quanto por aqueles que começam a deixar sua marca.

Entre os novos rostos que emergem nesta edição, encontramos o pernambuco

João Gomes, destacando-se na categoria Intérprete de Canção Popular; Ana Castela, cantora sul-mato-grossense duplamente indicada, como Intérprete e por Lançamento Sertanejo com o álbum “Boiadeira Internacional (Ao Vivo)”; e o paulista Jota.Pê, que faz sua estreia na categoria Intérprete de MPB. Os artistas exemplificam a renovação constante no cenário musical brasileiro, que é acompanhada de perto pelo Prêmio da Música Brasileira a cada ano, trazendo novas vozes e perspectivas para o primeiro plano.

Por outro lado, ícones da música brasileira retornam ao Prêmio da Música Brasileira, comprovando a contemporaneidade e relevância crescente de suas obras. Alcione, com 21 troféus e segunda maior vencedora do PMB, é novamente indicada como Melhor Intérprete de Samba. Alceu Valença, que acumula 10 troféus, retorna com indicações nas categorias Intérprete e Lançamento em Música Regional com o álbum “Meu Querido São João (ao vivo na Fundação Progresso)”.

Na edição de 2024, destacam-se também Marcelo D2 e Jards Macalé, com três indicações cada. D2, três vezes vencedor

do PMB, é agora indicado como Melhor Canção de MPB com “Povo de Fé”, Melhor Lançamento de Samba e em Projeto Audiovisual com “Iboru”. Aos 81 anos, Jards Macalé pode conquistar seu primeiro Prêmio da Música Brasileira, nomeado nas categorias de MPB como Intérprete, Melhor Lançamento com “Coração Bifurcado”, e Melhor Canção por “Mistérios do Nosso Amor”, que tem o brilho adicional da participação de Maria Bethânia e a parceria na composição com Ronaldo Bastos.

Outra novidade deste 31º Prêmio é a criação de uma categoria especial, fruto de parceria do PMB com a União Brasileira de Compositores: o Prêmio do Músico Brasileiro. Juntas, as entidades premiarão um grande musicista ou produtor da nossa música.

À medida que nos aproximamos de 12 de junho, a 31ª edição Prêmio da Música Brasileira se revela não apenas como um evento, mas como um farol de celebração da diversidade e representatividade dos artistas de todo o Brasil.

Veja a relação dos artistas indicados no link <https://11nq.com/MJ6f7>.

O Marché du Film, zona de mercado do maior de cinema do mundo, iniciado na França, dá visibilidade a títulos de outras mostras internacionais, da Europa e das Américas



The Stranger's Case



Le Gens d'à Côté



Demba

Cannes

Enquanto

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Nesta quarta-feira (15), a sessão de “Furiosa”, de George Miller, começa a elevar a temperatura e a pressão do 77º Festival de Cannes, que promete trazer uma das seleções mais ousadas de toda a sua história. Mas uma área

seleta do evento, o Marché du Film, dedicado a projeções para o mercado adquirir títulos ou iniciar coproduções, achados de maratonas cinéfilas como a de Roterdã ou a Berlinale, além do argentino Bafici, aquece os olhares da indústria. Conheça os títulos que devem provocar o desejo dos distribuidores, canais de TV e streamings.

TREASURE, de Julia von Heinz (EUA): Eleito “o filme fofo” da maratona alemã, esta dramédia põe a atriz e roteirista de “Girls”, Lena

Dunham, ao lado de um mito queer da cultura pop: Stephen Fry. Eles vivem filha e pai num road movie que se passa em 1991, data na qual a jornalista Ruth (Lena) leva seu pai, o imigrante judeu polonês Edek (Fry, sublime em cena), a um passeio por sua terra natal. Mas ela vai incluir campos de concentração no pacote, o que leva Edek, a lembrar da dor vivida por seu povo na mão dos nazistas. O tema é bem áspero. O longa, não.

DEMBA, de Mamdou Dia (Senegal): Apesar do clima espectral dessa narrativa, a suavidade reina sobre um painel de afetos familiares mesclado a sombras políticas de chagas coloniais. Na trama,



A Paixão Segundo GH



À quand l'Afrique?



Treasure

com elementos fantasmagóricos, Demba (Ben Mahmoud Mbow) está às vias de se aposentar e busca mudar sua rotina, a fim de cicatrizar a dor da morte da mulher com que viveu por anos a fio. Mas a necessidade de reinventar sua relação com seu filho vai trazer fantasmas à tona.

A PAIXÃO SEGUNDO GH, de Luiz Fernando Carvalho (Brasil): Num “bloco do eu sozinho”, radical, mas afetivo, Maria Fernanda Cândido brinda o cinema com seu talento e carisma numa atuação solo em que reage, com uma suavidade de gestos, ao texto de Clarice Lispector (1920-1977),



La Estrella Que Perdi



'Faruk' é um retrato afetivo de um pai por sua filha, sob a direção de Asli Özge



Força Bruta 4



Betânia



Vogter



Above The Dust

publicado em 1964. A trama esbanja existencialismo: Depois de despedir a empregada, G.H. inicia uma faxina no quarto de serviço e vê uma barata. Enojada do inseto, ela decide esmagá-lo. Nesse gesto, diante da massa pastosa e branca da barata morta, ela embarca num processo de desmontagem de sua

condição humana.

LA ESTRELLA QUE PERDI, de Luz Orlando Brennan: Um drama de mãe e filha, que tem o teatro como pano de fundo e conta com o talento de Mirta Busnelli e Ana Pauls. Na trama, uma atriz de prestígio ensaia uma peça comer-

cial, sem grandes méritos estéticos, no empenho de se manter na crista da onda. Mas sua caçula resolve sair de casa, deixando o ninho vazio.

À QUAND L'AFRIQUE?, de David-Pierre Fila (Congo/ Angola): Atabaques se inflamam na evocação de mitologias e histórias reais de povos de áreas rurais do Congo diante do irrefreável avanço da gentrificação e do desmatamento. No filme, ritos que passam pela percussão abrem uma reflexão geopolítica com foco ecológico.

THE STRANGER'S CASE, de Brandt Andersen: Um dos últimos títulos a ser exibido, este drama coral lembra "Babel" (2006), uma vez que o conflito de um segmento afeta o outro. Ganhou o Prêmio da Anistia Internacional pela forma feroz com que expõe a batalha de um grupo de pessoas para escapar da violência na Síria, incluindo uma médica e um soldado filho de um herói local. Um mercenário interpretado magistralmente por Omar Sy (de "Lupin") vai cruzar o caminho de todos, com seu caráter nada louvável.

BETÂNIA, de Marcelo Botta (Brasil): Uma viagem existencialista pelos Lençóis Maranhenses encantou Berlim sob o realce da fotografia de Bruno Graziano. Seu diretor, egresso de São Carlos, filmou com elenco 100% maranhense a saga de uma mulher, a Dona Betânia do título, que, aos 65 anos, passa por uma mudança, depois de enviudar. A pedido das filhas, ela vai viver perto das dunas e se reinventa. Diana Mattos é a protagonista do longa.

SONS ("Vogter"), de Gustav

Möller (Dinamarca): A dinamarquesa Sidse Babbett Knudsen (de "500 Miligramas" e "Borgen") eleva o padrão europeu de atuação – sobretudo no trato com o silêncio – a outro patamar à frente do novo filme do realizador do cultuado "Culpa" (2018). Sidse encarna uma agente carcerária que entra num conflito existencial e profissional com a chegada de um jovem presidiário condenado pela morte de um colega de celas a facadas. A brutalidade com que ela passa a tratar o rapaz, associada a uma série de atos suspeitos, sugere uma estranha ligação dela com o preso. O clima de suspense do longa é enervante.

LES GENS D'À CÔTÉ, de André Téchiné (França): Neste elegante suspense, a onipresente diva Isabelle Huppert empresta seu talento ao mestre europeu na saga de uma policial que se afeiçoa por seus novos vizinhos até entrar em dilema ao descobrir que um deles tem um passado de crimes.

FARUK, de Asli Özge (Turquia): Nas raias da autoficção, este painel de conflitos geracionais em Istambul parte de um exercício de observação, com ares fabulares, feito pela cineasta a partir do dia a dia de seu pai, um nonagenário que esbanja carisma. O dispositivo afetivo armado por Asli garantiu ao longa a laureia da Crítica, votada pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci).

A DIFFERENT MAN, de Aaron Schimberg (EUA): Pela primeira vez, em quatro anos, o prêmio de Melhor Interpretação de Berlim é dado a um homem, e logo um ator que é adorado por Hollywood: Sebastian Stan, o Soldado Invernal da Marvel. A vitória dele, merecidíssima, coroa um tipo de narrativa bizarra, entre o thriller e a comédia, de que Berlim gosta um bocado. Stan vive um ator que tem

uma deformidade facial adquirida por tumor na pele. É sempre escalado para papéis exóticos até passar por um tratamento incomum que transforma sua aparência, mas liberta o que existe de mais angustiante nele. A extraordinária Renate Reinsve interpreta a vizinha que atia seus sentimentos.

MEMORIAS DE UN CUERPO QUE ARDE, de Antonella Sudassi Furniss (Costa Rica): Longa ganhador do Prêmio de Júri Popular da mostra Panorama de Berlim. Uma vez que o assunto mais recorrente do festival foi a vida depois dos 60, com a chegada da vehece, nada mais adequado para o cinema hispano-americano renovar sua força estética do que um painel experimental sobre três mulheres que se assumem idosas: Ana (68 anos), Patrícia (69) e Mayela (71). Elas falam de seus desejos e de seus medos.

ABOVE THE DUST, de Wang Xiaoshuai (China): Este retrato estético asiático acabou na mostra Generation (de orientação infantojuvenil) por se debruçar sobre o que se passa na cabeça de um menino de 10 anos. Na trama, o pequeno Wo Tu sonha ter uma pistola d'água num campo de trabalhadores que sofre um processo de desapropriação de bens pelo estado. O desejo do garoto vai levá-lo a exóticas ações.

FORÇA BRUTA 4 ("The Roundup: Punishment"/ "Beom-Joe-do-si 4"), de Heo Myeong-haeng: Berlim brincou de ser Cannes ao finalizar sua competição com um thriller de porradaria pop, egresso da Coreia do Sul e dirigido por um dublê. Essa trama de investigação e tapas na cara é uma sequência de um sucesso mundial de bilheteria "Força Bruta", lançado aqui em 2022. Ma Dong-seok, ou Don Lee, o Gilgamesh da aventura "Eternos" (2021), da Marvel, é seu protagonista. Ele vive uma espécie de Dirty Harry da Ásia. Nesse novo filme, seu personagem, o detetive brucutu Ma Seok-do caça uma quadrilha de jogo ilegal online, cujo bandidão é um especialista em facas.

CRÍTICA / FILME / HERE

Relações num tempo de vagarosidade

Por Sérgio Alpendre (Folhapress)

O motor estético de “Here” é a passagem do tempo. A maneira como o tempo escorre vagarosamente, seja no campo, seja em meio a prédios em construção, em lanchonetes ou mesmo no transporte público, é o que move o filme e seu estilo.

Não difere muito do longa anterior de Bas Devos, “Trópico Fantasma”, de 2019, a não ser que este seja todo ambientado na grande cidade, baseado em recortes do espaço - enquadramentos dentro de enquadramentos - enquanto “Here” busca também locações nos arredores rurais da cidade e com isso se abre mais às paisagens naturais.

O espectador é convidado a se adaptar a essa passagem do tempo, no que devemos lembrar que o tempo é um elemento essencial do cinema. Ou seja, em “Here”, temos uma dupla impressão do tempo.

O tratamento do espaço é uma preocupação contígua, pois a ação do tempo é flagrada, no cinema, em um determinado espaço delimitado pelo enquadramento da câmera.

São essas as preocupações do diretor que vão determinar a maneira como ele escolhe contar a história. Tudo está subordinado a esse estilo baseado no escorrimento do tempo e no espaço cuidadosamente recortado.



Divulgação

‘Here’, de Bas Devos, um convite à mudança de ritmo

Um filme que parece dizer: “forma é essencial”. Ou a velha máxima, dita por muitos: “forma é conteúdo”.

Há, claro, o tema. Ou um fiapo de tema. Acompanhamos um imigrante romeno chamado Stefan, interpretado por Stefan Gota. É um trabalhador de construção civil de Bruxelas, mas o vemos sobretudo nos momentos de descanso e deslocamento.

Ele encontra uma senhora vivida por Saadia Bentaieb, atriz protagonista de “Trópico Fantasma”. Essa senhora cria uma horta no meio da cidade e oferece espaço para Stefan plantar as sementes que encontrou em seu

bolso.

O tempo e o espaço do campo vividos na cidade. Pedços de verde em meio ao cinza. Sementes para o florescimento guardadas em uma peça de roupa. Um convite à mudança de ritmo, à ideia de não se render à correria do mundo atual, de adotar um ritmo próximo da natureza.

Há ainda a estudante de origem chinesa ShuXiu, vivida por Liyo Gong, que ajuda a tia numa lanchonete típica. Ela é bióloga e pesquisa musgos nos bosques ao redor de Bruxelas. ShuXiu e Stefan se encontrarão, primeiro na lanchonete, depois no bosque.

Talvez desenvolvam uma relação amorosa.

Os encontros de Stefan com diversos personagens se dão de maneira minimalista, com cenários urbanos, chuvas incessantes, parques e bosques integrando uma malha que antes de aprisionar parece proteger o personagem.

Bas Devos usa o enquadramento menos horizontal, mais comum no cinema até 1953, quando foi desenvolvido o cinemascope. Essa opção reflete o desejo de delimitar ainda mais o espaço em um recorte condicionado pelo que a câmera capta.

Godard e Rohmer acreditavam que era o enquadramento ideal para mostrar relações humanas. Por isso não devemos desprezar a relação que se estabelece entre Stefan e os demais, principalmente, após um tempo, com ShuXiu.

No esquema formal proposto pelo filme, até os créditos finais se encaixam, com os nomes de todos que participaram de sua feitura sendo preenchidos aos poucos, ocupando a tela preta com fonte pequena, o nome do diretor escondido no meio do texto.

Esse é o procedimento típico dos filmes de Devos, meio godardiano nas palavras que completam um todo, mas com uma tipologia singular. Ou seja, até nos créditos o diretor quer deixar sua marca.

Na verdade, é ao mesmo tempo um trabalho coerente de estilo e de apagamento da sua autoria. A contradição, quando repetida, Devos sabe muito bem, faz valer a assinatura do diretor. Mas ainda assim é interessante a proposta.

Eis um cineasta que tem desenvolvido um caminho bem interessante no cinema, desde o primeiro longa, “Violet”, de 2014, passando também pelo curioso “Hellhole”. “Here” é seu quarto e melhor longa.

Luis Carlos Lacerda*

A mulher que resgatou o espaço de Copacabana

Confesso que estava com um certo pé atrás com os custos e a praticamente interdição do direito de ir e vir com o show da cantora no Rio. Nunca tinha assistido uma apresentação dela, e seu repertório nunca me interessou. Porque não compreendo inglês e porque esse gênero de música americana não me agrada nada.

Parei nos Rolling Stones, Velvet Underground e Bob Dylan - a cujas traduções tinha acesso. Mas gostava mesmo de suas entrevistas libertárias, transgressoras e anti-

-preconceituosas em geral.

Quis ver o que que a Madonna (a baiana) tem. E me surpreendi. Melhor: ela me hipnotizou!

Nada de carece previsível de musical da Broadway. Um espetáculo performativo com tudo o que tem direito de linguagem

artística contemporânea, com dramaturgia e encenação interpretada com expressividade.

Coreografia ousada de movimentos originais - formando imagens caleidoscópicas e cinematográficas.

A emocionante homenagem aos artistas vitimados pela Aids incluiu o grande ator

Paulo Vilaça (de “O Bandido da Luz Vermelha”), meu grande amigo morto em 1992.

O resgate do espaço de Copacabana - que tem sido ultimamente palco de manifestações fascistas - assim como da bandeira do Brasil, sob os aplausos de 1 milhão e 600 mil pessoas, deu uma dimensão política que completou o discurso, escrito com os corpos, pela Liberdade e em defesa de todas as diversidades.

Viva Madonna!

*Cineasta e poeta

Adriana Birolli estreia monólogo que aborda as escolhas que fazemos diariamente

Devido ao grande sucesso, o monólogo “Não!”, estrelado por Adriana Birolli, prorroga sua temporada no Teatro Claro Mais, em Copacabana, agora nos dias até 22 de maio, quartas-feiras, às 20h.

Sucesso de público pelo país, a peça está em turnê desde 2023 e já percorreu diversas cidades em São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro, assistida por mais de 10 mil pessoas.

Com texto e direção de Diogo Camargos, a trama aborda as escolhas que fazemos todos os dias e instiga o público a refletir sobre suas próprias dificuldades e a se colocar no lugar da protagonista em sua busca incessante pela liberdade de dizer não.

Birolli sobe ao palco para dar voz a uma personagem que faz terapia há 18 anos para aprender a dizer não e ainda não conseguiu. Com a chegada do seu aniversário, ela não quer ir ao jantar de comemoração e, enquanto se arruma para sair, precisa lidar com as mensagens de sua mãe, irmã, namorado e chefe, mostrando como a dificuldade de dizer não pode nos atingir em todos os campos da nossa vida, seja pessoal, profissional ou familiar.

“Nós temos dificuldade de dizer ‘não’ para os outros, mas vivemos dizendo ‘não’ para nós mesmos. Na peça, somos convidados a reconhecer nossos pontos fracos e fortes quando o assunto é respeitar nossos limites pessoais e impor limites aos outros. Uma tarefa que tem se mostrado bastante difícil para a maioria de nós”, conta a premia-



Em parte do espetáculo, a personagem de Adriana Birolli fala diretamente com o público e por vezes comenta a história que está sendo narrada e convida a plateia a refletir e a escolher o caminho que deve ser tomado

A arte de saber a hora de dizer não

da atriz, que coleciona diversos trabalhos na TV, no cinema e no teatro e apresenta seu primeiro monólogo.

O espetáculo acontece em duas camadas de atuação: em uma delas, a atriz fala diretamente com o público e por vezes comenta a história que está sendo narrada e convida a plateia a refletir e a escolher o caminho que deve ser tomado; e em outro

momento, ela vive o dilema da personagem.

“Estou amando fazer esse espetáculo. Sentir que através da minha personagem eu consigo abrir essa comunicação tão potente com o público através da comédia. Todo mundo se identifica em algum momento, até mesmo os que inicialmente achavam que não têm dificuldade de dizer não”, revela.

Em turnê nacional há um ano, a atriz relata como a recepção do público a tem impactado e o retorno que tem recebido de profissionais da área da saúde mental.

“Após um ano em turnê vivenciando a resposta incrivelmente positiva do público de todo o Brasil, inclusive de muitos profissionais da área da saúde mental com os quais tive a oportunidade de conversar depois

“Nós temos dificuldade de dizer ‘não’ para os outros, mas vivemos dizendo ‘não’ para nós mesmos”

Adriana Birolli

das apresentações, eu posso afirmar que é evidente a necessidade e a pertinência do tema”, ressalta.

SERVIÇO

NÃO!

Teatro Claro Mais (Shopping dos Antiquários - Rua Siqueira Campos, 143, 2º piso - Copacabana)
Até 22/5, às quartas-feiras (20h)
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Coreografia da passista Iara Cassano, que nasceu como performance, convida o público a refletir sobre a identidade afrocarrioca

O espetáculo inédito “Em Gira: Ela Encruzilhada”, com Iara Cassano, coreógrafa e passista do Salgueiro, estreia na quinta (16), às 19h, na Sala Multiuso do Sesc Copacabana. A apresentação põe em evidência a ancestralidade do samba e do carnaval.

Nesta coreografia, Iara, com seu corpo-memória, se faz campo de conhecimento e convida o público a um mergulho nas travessias do corpo feminino afro-carioca em seus ciclos espirais, aprofundando-se em reflexões sobre identidade, resistência e pertencimento, além de questionar os padrões normativos da sociedade.

Em cena, ela navega por caminhos pelas águas da sua ancestralidade. “Eu nasci em uma família de sambistas, de Guadalupe, me formei em dança na UFRJ e hoje sou passista do Salgueiro. Então, para mim, era um sonho construir um espetáculo onde eu possa compartilhar minha travessia por todas essas encruzilhadas, falando sobre as coisas que eu acho importantes serem ditas e questionadas”, conta.

Antes mesmo de se tornar um espetáculo completo, “Em Gira: Ela Encruzilhada” já havia cruzado fronteiras internacionais. “Esse espetáculo nasce como uma performance, que construí junto a diretora Cátia Costa a convite de um festival em Istambul. Apresentei ela primeiro no Quilombo Casa do Nando, no Rio, depois seguimos para uma tour onde passamos pela Turquia, França e Cabo Verde”, conta a passista.

A partir de suas mitologias pessoais, Iara segue seu curso por encruzilhadas que revelam, como possibilidades, energias sagradas, performadas por uma poética do corpo-água. “Dessa forma, o espetáculo traz à cena os encantamentos e sagacidade de Oxum, sapiência de Iansã, a desobediência de Menina e a combatividade de Mulambo”, destaca.

O samba e o carnaval enchar-

Movimentos de um corpo-memória



Iara Cassano: ‘Espero provocar o público a refletir e questionar os padrões dessa sociedade que pune mulheres negras que dispõem de sua beleza como querem e julga a passista como um estereótipo sexualizado’

cam os saberes desse corpo-memória. Através da dança dos improvisos, faz dos desequilíbrios, gingas e sincopes, estratégias de resistência dos corpos negros na diáspora africana no Rio na busca por preencher os violentos vazios provocados pelo sistema colonial.

“Eu espero provocar o público a refletir e questionar os padrões dessa sociedade que pune mulheres negras que dispõem de sua beleza como querem e julga a passista como um estereótipo sexualizado”, defende Iara.

Sob a direção de Cátia Costa, o espetáculo propõe um mergulho na afro dramaturgia ancestral e nas poéticas do corpo-tempo. Através de macumbarias e giras insurgentes constrói caminhos como possibilidade, ou seja, não só um único sentido ou direção, fazendo do improviso um princípio de sabedoria e resiliência.

Com trilha sonora composta por Bruno Barreto, ele se inspira no samba e nos batuques de terreiro, criando um ambiente sonoro fluido, repleto de melodias ancestrais. As giras, espirais e encruzilhadas permeiam não apenas a performance, mas também pela Luz assinada por Brisa Lima e cenário e figurino, com peças feitas artesanalmente pela artista Vânia Soares, que transformam o espaço em uma arena fluida, onde a barreira entre público e cena se tornam líquidas.

O espetáculo é uma realização do Sesc Pulsar e integra a programação da quarta edição de “O Corpo Negro - Festival de dança e protagonismo”. Os ingressos são gratuitos e serão distribuídos 30 minutos antes de cada apresentação.

SERVIÇO

EM GIRA: ELA ENCRUZILHADA

Sala Multiuso do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160 - Copacabana)
De 16 a 26/5, de quinta a domingo (19h) | Grátis, com distribuição de senhas 30 minutos antes de cada apresentação